

### **Denise Cogo**

Jornalista, bacharel  
em Letras, pós-doutora  
em Comunicação pela  
Universitat Autònoma de  
Barcelona. Pesquisadora  
do CNPq. Professora  
titular do Programa de  
Pós-Graduação em  
Comunicação e Práticas  
de Consumo da ESPM,  
São Paulo, SP, Brasil.  
Email: [denisecogo2@gmail.com.br](mailto:denisecogo2@gmail.com.br). Currículo  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5580285310605978>.

### **Márcia Bernardes**

Jornalista, doutoranda  
em Ciências da Comuni-  
cação. Membro do gru-  
po de pesquisa Mídia,  
Cultura e Cidadania, na  
Universidade do Vale do  
Rio dos Sinos, Rio Gran-  
de do Sul, RS, Brasil.  
Email: [mabernardes@hotmail.com](mailto:mabernardes@hotmail.com). Currículo  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2451342456920902>

## **Usos da internet na constituição de sociabilidades juvenis femininas**

## **Internet uses in the constitution of youth female sociability**

## **Usos de internet en la de las sociabilidades juveniles femeninas**

## RESUMO

Este artigo aborda a constituição de sociabilidades juvenis femininas com base nos usos da internet em uma instituição de acolhimento de jovens que adota mecanismos de controle e limitação de acesso à rede. Nesse contexto, marcado por dimensões de gênero e classe e por táticas para contornar o controle institucional, analisamos o tensionamento entre exclusão-inclusão juvenil nos âmbitos social e tecnológico, na perspectiva de pensar os usos sociais da internet como modos de construção da cidadania e de configuração de identidades culturais. O estudo está fundamentado nos estudos culturais, especialmente nas reflexões de Martín-Barbero e De Certeau, e se constrói a partir de uma abordagem empírica de perspectiva etnográfica. Os resultados apontam para usos da internet que privilegiam o entretenimento e contribuem para a constituição e reafirmação da cidadania cultural das jovens.

Palavras-chave: Usos sociais. Juventude. Internet. Sociabilidades. Gênero.

## ABSTRACT

This article discusses the formation of youth female sociability from the uses of the internet in a care institution for youth who adopts control mechanisms to limit the access to the network. In this context that is marked by gender and social class questions and tactics to get around the institutional control, we analyzed the tension between exclusion-inclusion in the social and technological scope for thinking about the social uses of the internet as a means of building citizenship and a configuration element of cultural identities by this young people. The study is based in the cultural studies, especially in the reflections of Martín-Barbero and De Certeau, and builds an empirical approach from an ethnographic perspective. The results indicate that the uses of the internet emphasize the entertainment and contribute to the establishment and reaffirmation of the cultural citizenship of young people. Keywords: Social uses. Youth. Internet. Sociability. Gender.

## RESUMEN

Ese artículo aborda la constitución de las sociabilidades femeninas juveniles a partir de los usos de internet en una institución de acogida de jóvenes que adopta mecanismos de control y limitación de acceso a la red. En este contexto, marcado por las dimensiones de género y clase y tácticas para eludir el control institucional, analizamos la tensión entre la exclusión-inclusión juvenil en los ámbitos sociales y tecnológicos en la perspectiva de pensar los usos sociales de internet como modos de construcción de ciudadanía y de configuración de las identidades culturales. El está basado en los estudios culturales, especialmente en las reflexiones en Martín-Barbero y De Certeau, y se construye a partir de un abordaje empírico de perspectiva etnográfica. Los resultados apuntan para usos de internet que privilegian el entretenimiento y contribuyen para la constitución y reafirmación de la ciudadanía cultural de las jóvenes.

Palabras clave: Usos sociales. Juventud. Internet. Sociabilidad. Género.

Submissão: 10/10/2013

Decisão editorial: 28/05/2014

## Introdução

O presente artigo busca pensar os usos sociais da internet realizados por jovens mulheres acolhidas em um abrigo e a constituição de suas sociabilidades em um contexto de uso controlado e monitorado da internet. Com base em um estudo de caráter etnográfico, com acompanhamento dos usos realizados pelas jovens na sala de informática do abrigo, foi possível perceber como esses usos são atravessados por dimensões de gênero e classe e por táticas para contornar o controle institucional. Com isso, foram possíveis reflexões em torno dos usos sociais da internet como modos de construção da cidadania e de configuração das identidades culturais juvenis. A pesquisa, realizada com as jovens abrigadas por meio da convivência no abrigo, visitas, entrevistas e conversas informais, mostrou o entretenimento como um dos principais usos tecidos pelas jovens no marco das tensões inclusão-exclusão da internet e a reafirmação da dimensão cultural de seus processos de cidadania.

## Múltiplas possibilidades: usos sociais, táticas de uso e experiências de sociabilidade

Enxergar os sujeitos como interlocutores e participantes ativos do processo comunicativo possibilita compreender o desenvolvimento de seus papéis so-

ciais e as dinâmicas de produção de sentidos desses sujeitos. Nessa perspectiva, é relevante o postulado de Martín-Barbero sobre o deslocamento dos meios para as mediações como possibilidade de desvendar a tecnicidade com base nas experiências da vida cotidiana e nas práticas sociocomunicacionais dos sujeitos. O autor propõe o estudo do uso social dos meios para entender a relação entre os receptores e os meios a partir das articulações entre as práticas de comunicação e os contextos sociais e culturais.

De Certeau, com o qual dialoga Martín-Barbero, propõe o entendimento dos “usos” a partir da perspectiva de um “fazer com”, em que os usos passam a ser vistos na sua dimensão de ruptura dos modos disciplinares e nas suas possibilidades de produção de ressignificações. O autor destaca que alguns elementos, como “realizar, apropriar-se, inserir-se numa rede relacional, situar-se no tempo [...] fazem do uso um nó de circunstâncias, uma nodosidade inseparável do ‘contexto’, do qual abstratamente se distingue” (DE CERTEAU, 1994, p. 96, grifo do autor). Além disso, De Certeau afirma que toda a atividade de leitura e consumo é uma atividade de produção de sentidos que advêm da constituição de estratégias e táticas que evidenciam diferenças e resistências sociais, assim como deslocam e relativizam fronteiras de dominação. Essas estratégias apontam para algo próprio, um lugar do querer e do poder onde há “um tipo específico de saber, aquele que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio” (DE CERTEAU, 1994, p. 100). Ou seja, a estratégia é algo reconhecido como uma autoridade, que possui uma identidade e um modo de operar cristalizados. Em função disso, ela se perpetua por meio de sua (re)produção, de sua conformidade com a ordem e o poder.

Já a tática, para De Certeau, é determinada pela ausência de poder, pela ausência de um próprio, o que lhe permite mobilidade, movimento para captar as oportunidades oferecidas. Segundo De Certeau, a tática é a arte do fraco, é a astúcia, constitui espaços, movimentos que, em um jogo, transformam-se em oportunidades. Ela pode neutralizar a influência de uma estratégia ou mesmo subvertê-la, implicando em um movimento que foge às operações do poder.

[...] Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as "ocasiões" e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. [...] Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém está. É astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco. (CERTEAU, 1994, p. 100 e 101)

Para Martín-Barbero (2009), os usos são inseparáveis da situação sociocultural dos sujeitos nos processos de comunicação. A exemplo do que representa o contexto para De Certeau, as mediações são, para Martín-Barbero, o espaço em que é possível captar como se concretizam as experiências culturais, onde há a possibilidade de compreender, negociar, ressignificar e circular os conteúdos apropriados. A circulação social dessa cultura entre sujeitos criará um novo espaço ou cenário, onde as apropriações adquirem sentido. A partir das mediações, as dinâmicas tecnológicas também transformam as identidades e as experiências de sociabilidade. As relações sociais encontram, na internet, um espaço de apropriação da técnica e de atribuição de sentidos aos seus usos. "Embora guardem remanescentes próprios de outras etapas e modelos identitários, os gostos e as sensações que a [tecnicidade] proporciona, as gratifica-

ções midiáticas e tecnológicas obtidas pelos atores vão enquadrando e prefigurando suas identidades emergentes" (OROZCO GÓMEZ, 2006, p. 93). Esse cenário aponta a possibilidade de ser reconhecido por meio de uma ou várias identidades. Além disso, essas identificações constituem-se a partir de processos de escolha que estão em consonância com as preferências e gostos dos sujeitos, evidenciando mais marcadamente a sociabilidade contemporânea como forma de interação social.

O conceito de sociabilidade foi formulado nessa perspectiva por Simmel (2006), ao afirmar que a sociedade é a interação com outro em uma diversidade de processos. A partir do momento em que o indivíduo está inserido na sociedade, ele engendra conteúdos, laços e interesses, em um processo que o autor denomina de *sociação*. As formas que resultam desses processos ganham vida própria, constituindo a sociabilidade.

[...] "*sociedade*" propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro, que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberados de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmo e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade (SIMMEL, 1986, p. 168, grifo do autor).

Segundo Martín-Barbero (2008), a sociabilidade é uma trama de relações que os sujeitos tecem ao se relacionarem e por meio da qual organizam seus processos de constituição como sujeitos e de configuração de suas identidades. Para Souza e Santos (2009), a sociabilidade não se reduz ao processo de

interação e deve ser observada a partir do compartilhamento de ações pelos indivíduos em suas experiências sociais. A sociabilidade define-se, assim, pelo estabelecimento de vínculos, de laços, por meio da interação e da constituição de redes, e pode ser vista, portanto, como uma troca baseada na comunicação. Esses vínculos se relacionam com os processos identitários na medida em que refletem práticas, hábitos e constituem elementos de pertencimento e de compartilhamento de uma cultura.

Com base na apresentação de parte do aporte conceitual que orientou o estudo, buscamos compreender as especificidades das apropriações e usos da internet vivenciados pelas jovens no CECRIFE/Querubim.

### Considerações sobre o ambiente de acolhimento e o uso da internet

A pesquisa da qual resulta este artigo foi desenvolvida no Centro Cristão Feminino e Abrigo Querubim (CECRIFE/Querubim), localizado em Novo Hamburgo (RS), na Região Metropolitana de Porto Alegre (RS). O abrigo atende a crianças e adolescentes de oito a 18 anos do sexo feminino<sup>1</sup>, encaminhadas pelo Po-

---

<sup>1</sup> O CECRIFE/Querubim atende exclusivamente a pessoas do sexo feminino. Sendo assim, o grupo de jovens que compôs o universo empírico é formado unicamente por meninas/mulheres. Por esse motivo, foi realizada uma abordagem conceitual sobre gênero, da qual destacamos aqui o entendimento de Piscitelli (2009), que afirma que o conceito mantém o caráter político inicial que aludia às diferenças e desigualdades que afetam as mulheres, mas que, atualmente, adquire novos sentidos. Para a autora, "o conceito de gênero requer pensar não apenas nas distinções entre homens e mulheres, entre masculino e feminino, mas em como as construções de masculinidade e feminilidade são criadas nas articulações com outras diferenças, de raça, classe social, nacionalidade, idade; e como essas noções se embaralham e se misturam no corpo de todas as pessoas [...]" (PISCITELLI, 2009, p. 146).

der Judiciário por questões como abuso sexual, violência, exploração de trabalho infantil, situação de risco e ausência de família<sup>2</sup>. No abrigo, as jovens têm o acesso à internet monitorado e controlado, e não dispõem de livre acesso à sala de informática. O uso do computador é permitido apenas com a presença de um educador ou pessoa responsável; além disso, quando há uso da internet, não é permitido o acesso a ferramentas como MSN, Twitter, Orkut e Facebook<sup>3</sup>. A pesquisa empírica, realizada no primeiro semestre de 2011, teve como foco principal o grupo de meninas abrigadas naquele momento e contou com a intervenção direta com o grupo na sala de informática, entrevistas com roteiro semiaberto e conversas informais, durante visitas sistemáticas à instituição.

Na aproximação com esse contexto para o estudo das sociabilidades juvenis, adotamos como princípio o entendimento de que as tecnologias da comunicação, em especial a internet<sup>4</sup>, são elementos de reconfiguração da vida social. Por um lado,

---

<sup>2</sup> O abrigo é uma medida de proteção especial para crianças e adolescentes e que está prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e é responsável por "por zelar pela integridade física e emocional de crianças e adolescentes que tiveram seus direitos desatendidos ou violados" (SILVA e AQUINO, 2005, p. 186).

<sup>3</sup> Importante destacar que a instituição afirma que esse acesso restrito e monitorado visa a preservar as abrigadas de possíveis "contatos indesejados" ou de "ações indevidas" como, por exemplo, planejamento de fugas.

<sup>4</sup> Internet, neste estudo, parte do entendimento trazido por Cogo e Brignol (2011) como "um ambiente comunicacional múltiplo e complexo no qual diferem características como [...] a facilidade de acesso à esfera da produção, a convergência midiática, a interatividade e a hipertextualidade", fatores que as autoras destacam coexistir com "a centralidade de acessos e usos unidirecionais ou pouco participativos" (COGO e BRIGNOL, 2011, p. 86 e 87).



trouxeram oportunidades para enfrentar os desafios sociais, encurtar distâncias, alterar as relações de tempo e espaço e possibilitar a inclusão, a liberdade de expressão e a participação social; por outro lado, as apropriações das tecnologias por diferentes setores sociais não estão desprovidas de relações de poder, assimetrias e desigualdades que envolvem tensões e disputas em torno de seus usos. Esses fatores são ainda potencializados pela possibilidade ou necessidade de conexão, ou seja, pelos posicionamentos e interações dos sujeitos em redes. Para Castells (2009), a existência social no mundo pós-moderno depende de nossa conexão em uma rede<sup>5</sup> que, ao se relacionar com outra rede, constitui uma teia, resultando em outras redes de relações. As redes são, conforme o autor, estruturas comunicativas na vida social, nem sempre mediadas pelas tecnologias da informação e comunicação, que processam fluxos, valores e interesses.

Em um contexto de controle e restrição do acesso à internet, entendemos que as limitações econômicas e também as condições sociais, culturais e educativas das jovens focalizadas nessa pesquisa contribuem para o engendramento de usos diferenciados e para a constituição de táticas de apropriação e usos da internet.

[...] entendemos que os usos sociais da Internet são definidos por um conjunto de entornos que interage na construção dos significados atribuídos aos meios de comunicação e no modo como sujeito e tecnologia se relacionam. A diversidade de modos de usar a Internet, mesmo que limitada por imposições de ordem tecnoló-

---

<sup>5</sup> Aqui, o sentido de rede não se resume a uma rede tecnológica, como as redes sociais da Internet, mas a um conjunto de atores conectados. Nesse sentido, a rede pode ter natureza biológica, social, econômica, política e/ou também tecnológica.

gica e pelas questões de desigualdade econômica e social, é marcada também pela capacidade de produção de sentido de cada indivíduo, garantida através de suas identificações, competências e também de sua relação com as identidades, história, valores, hábitos e tradições. (BRIGNOL, 2010, p. 54)

Compreendemos que as instituições de acolhimento são locais que apresentam certa ambiguidade por serem marcadas por relações de poder que podem ser evidenciadas em seus processos de constante controle e vigilância. De um lado, a instituição acolhe jovens que são encaminhadas pelo Poder Judiciário e que precisam se manter afastadas de uma determinada situação ou de pessoas. Por outro lado, acolhe com a incumbência de desenvolver socialmente essas jovens, possibilitar sua (re)inserção social e reduzir ou minimizar os efeitos causados pela situação de vulnerabilidade social. As experiências vivenciadas na instituição pelas abrigadas são perpassadas por poderes que emanam de diretrizes das instâncias: a) judiciária, que determina o abrigamento, o desabrigamento e a possibilidade de visitar a família ou sair do abrigo nos fins de semana; b) escolar, com seus tempos e rotinas específicas; e c) do trabalho e da instituição, a partir de suas regras para acessar a internet e condicionar as interações com as colegas de acolhimento.

Dessa forma, a presença da internet, ao mesmo tempo que constitui um processo expansivo e inclusivo conectado profundamente com os elementos e as possibilidades tecnológicas que compõem o mundo atual, promove tensões relacionadas às desigualdades de acesso, de apropriação e mesmo a processos de exclusão. É importante ressaltar a ideia de Martín-Barbero (2008) de que a tecnologia não

cria a desigualdade, ela apenas reforça ou reconfigura a exclusão gerada nas relações sociais de uma sociedade estruturalmente excludente. Ou seja, as possibilidades de conexão e de inclusão ou exclusão geradas pela tecnologia são um meio de agravamento da desigualdade social. Entendemos, assim, que os usos que o ser humano faz da tecnologia é que criam (ou reforçam) as desigualdades existentes.

### Sociabilidades juvenis e usos da internet no Abrigo CECRIFE/Querubim

As jovens do abrigo vislumbram na internet um espaço de elaboração de suas identificações. Da mesma forma, os usos sociais da internet, juntamente com outros elementos da vida social, operam como constitutivos dos processos de comunicação e de sociabilidade das jovens do CECRIFE/Querubim.

Sabemos que há um “aparato da cultura da mídia e do consumo na configuração de interpretações e perfis específicos da *adolescência* e da *juventude* – como índice de normas ou patologias sociais, como ícones das bem-aventuranças ou mazelas do capitalismo globalizado [...]”, como define Freire Filho (2006, p. 11). E isso faz com que as necessidades, gostos, desejos, atitudes e até mesmo os direitos e deveres e modos de sentir e pensar dos jovens pareçam influenciados e definidos por uma cultura midiática imperativa (FREIRE FILHO, 2006). No entanto, as circunstâncias individuais e as diferenciações culturais e sociais permitem pensar que, em determinados momentos, a definição do uso é dada pelas próprias jovens. Freire Filho afirma, ainda, que “não se pode presumir e proclamar que todas as jovens se comportarão necessariamente de acordo com as prescrições

e proscições formuladas, de maneira explícita ou tácita, pela mídia [...]” (FREIRE FILHO, 2006, p. 16). Há toda uma gama de fatores culturais, identitários e de “práticas de autoformação” que faz com as jovens alterem, utilizem, adaptem, adotem parcialmente ou ignorem determinados modelos, valores, práticas e discursos, demonstrando, assim, que encontram as brechas possíveis que as táticas de uso permitem.

As jovens abrigadas buscam, nos usos da internet, uma forma de se comunicar com o mundo, de entreter-se e de constituir suas identidades. Isso pode ser verificado em falas das meninas durante as conversas na sala de informática: “Se eu pudesse, passava o dia inteiro na internet”; “Sou viciada em Orkut, mas só acesso na escola e quando vou prá casa”; “Eu queria poder falar com todo mundo”. Diante de um uso monitorado, as jovens empreendem táticas de acesso às redes sociais por meio dos sites dos e-mails (Gmail e Hotmail), que congregam, em um único espaço, os serviços de mensagem instantânea, redes sociais e e-mails. As jovens demonstram, ainda, muita curiosidade em saber sobre a vida fora do abrigo, relatando que enviam e-mails para amigas para saber como estão os namorados, os vizinhos, os amigos e conhecidos de suas comunidades de origem.

Os principais tipos de uso realizados pelas jovens no abrigo foram: 1) acesso a clipes musicais por meio do *YouTube*, verificado em todas as visitas com idas para a sala de informática; 2) *download* de músicas e salvamento de músicas em arquivos do computador para ouvir depois, verificado em todas as visitas com uso dos computadores na sala de informática; 3) acesso a programas e notícias já veiculadas em canais de TV abertos (capítulos de novelas ou maté-

rias de telejornais, por exemplo), verificado em muitas visitas; 4) acesso e utilização de jogos; 5) acesso a e-mails pessoais com tentativas, em alguns momentos, de utilização de redes sociais por meio das páginas de e-mail; 6) pesquisas em geral (informações sobre drogas, poesias de amor, horóscopo, simpatias, busca por familiares, entre outros), verificado eventualmente.

Outra tática de acesso à internet é a utilização do celular das colegas da escola. A proibição de uso do celular no abrigo é contornada com pedidos para que as colegas de escola emprestem os aparelhos para o acesso à internet durante a aula e o recreio, segundo contou RU<sup>6</sup>, uma das jovens da pesquisa:

Eu uso a internet na escola. Mas é no celular de uma colega. Na escola a gente vai ter agora, a diretora disse. Mas não pode um monte de coisas e tem horário. [...] Minha colega empresta o celular prá ver as fotos das nossas amigas no Orkut e outras coisas. Mas é pouquinho tempo.

Ao construírem identificações e buscarem pertencimento, as jovens exibem marcas de seu lugar social que, a partir de determinado ponto de vista, é excludente e desigual, mas que, por outro lado, é apenas o lugar "comum" de pessoas de determinada idade, sexo, afinidades musicais, pessoais, etc. Ou seja, as jovens demonstram o desejo de serem incluídas em um padrão de consumo e em hábitos de gênero e de classe aos quais pertencem, ou mesmo de uma classe média urbana, naqueles casos em que adotam padrões de consumo convergentes entre as

---

<sup>6</sup> Foi acordado com a instituição que, em função da necessária preservação da identidade das jovens, seriam usadas apenas as duas primeiras letras do nome para identificar cada participante da pesquisa.

classes<sup>7</sup>. Essa é uma dimensão da sociabilidade das jovens que, via consumo, buscam o pertencimento à juventude mediante o acesso à tecnologia e possibilidades de uso produtivo que esse acesso carrega.

As possibilidades de uso e de acesso à internet podem ser consideradas, por um lado, como fator de inclusão, quando acessam e se percebem em igualdade com os demais com quem convivem ou até mesmo com o imaginário de adolescente que construíram. Por outro lado, é também fator de exclusão, já que não podem acessar tudo o que querem, em um contexto de acesso que por si só já é excludente. Nesse sentido, buscamos refletir como as jovens vão engendrar processos de cidadania nesse contexto, considerando as suas dinâmicas identitárias.

A tecnologia contribui para essa construção, ao permitir que seja ampliada a trama de relações tecidas pelas jovens, possibilitando conexões com alguns de seus desejos e anseios. Por meio da internet, elas também constituem suas identidades de jovens, apesar de o uso ainda estar bastante circunscrito à cultura de massa ou a incursões pontuais na internet (como verificar o horóscopo, por exemplo). As preferências por esses temas relacionados à cultura massiva (como filmes estadunidenses de terror e vídeos do cantor Luan Santana) também podem ser

---

<sup>7</sup> Codato e Leite (2009) afirmam que a classe social pode ser vista como um grupo ou um fato social, como uma forma de organização do mundo social dependente de um contexto. Nesse sentido, Simmel (1986) destaca que a sociedade é uma estrutura viva, um local onde os indivíduos entram em ação recíproca dentro de uma dinâmica e de uma interação social. Nessa sociedade, os indivíduos se agregam, formando círculos sociais, marcados pela aproximação por identificação, ao mesmo tempo que sublinham as diferenças e individualidades dos grupos.

analisadas a partir da questão identitária das jovens que, como tais, acabam por consumir os produtos da indústria cultural e de uma indústria do entretenimento. A viabilidade desse consumo de bens, aliado à possibilidade de acesso, configuraria uma das possibilidades de cidadania para as jovens, uma vez que a segmentação e a diversidade de consumo são percebidas por elas como fatores geradores de inclusão.

A preferência pelo entretenimento fica evidente nos usos empreendidos pelas jovens. Sobre isso, Marin destaca que o entretenimento assumiu grande importância na sociedade contemporânea, pela capacidade de se apresentar como um espaço de inclusão de “todos, de diferentes idades e gêneros, diferentes estratos sociais, lugares e regiões do mundo e, portanto, ser uma fonte geradora de bens econômicos e simbólicos” (MARIN, 2009, p. 228). No entanto, conforme chama a atenção a autora, “[...] a democratização dos bens culturais ou a liberdade de opção não é uma coisa dada [...]. Assim, [...] o entretenimento não pode prescindir dos fatores econômicos, sociais e simbólicos que engendram e determinam os usos e a falta de acesso aos bens” (MARIN, 2009, p. 217). Dessa forma, as desigualdades sociais vivenciadas pelas jovens também se reproduzem na esfera do acesso ao entretenimento, uma vez que esse mesmo acesso é limitado, condicionando as próprias opções de entretenimento de que elas dispõem por meio da tecnologia.

Ainda assim, percebemos que as experiências das jovens de um uso da internet pautado pelo entretenimento assumem uma perspectiva freireana<sup>8</sup> da comunicação como criação de laços e, nesse

---

<sup>8</sup> Ver: LIMA, Venício A. de. Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire. 2 ed. Brasília: Editora da UnB e Fundação Perseu Abramo, 2011.

sentido, de sociabilidade. Nas experiências das jovens, a comunicação por meio do uso da internet adquire uma dimensão de vivência e de relação na qual elas têm a possibilidade de se constituírem como sujeitos juvenis, independentemente da condição de abrigo a que estão submetidas. Conectar-se à internet, para elas, é conectar-se para além das fronteiras impostas pela instituição, mesmo que sem a liberdade pretendida. Ao interagirem com as possibilidades apresentadas pela internet, exercitam um sentimento de autonomia e liberdade, mesmo que os usos estejam atrelados a padrões de conduta, padrões estéticos impostos pela indústria cultural ou por outras instituições. A diversidade de estilos e de expressões culturais das jovens também encontra espaço no uso da internet.

### Considerações finais

Acreditamos que a internet contribui significativamente para reorganizar as experiências de sociabilidade das jovens abrigadas, por meio da comunicação, apesar da existência de um acesso restrito e monitorado. "Não há potência na tecnologia que não seja moldada, mediada, pelas tendências sociais profundas, tanto as que se voltam à emancipação quanto as que se destinam à dominação e à exclusão", afirma Martín-Barbero (2008, p. 23 e 24).

A internet possibilita que as jovens se identifiquem com seus "grupos" de interesse e se reconheçam em seus pares. A virtualidade é, no mundo juvenil, parte indissociável das vivências de sociabilidade e de construção de identidades, e o lugar onde podem afirmar a sua existência para o outro, especialmente no caso das jovens abrigadas, inseridas em um



contexto de vulnerabilidade e de assistência social. Sendo assim, elas encontram nos usos que fazem da internet uma forma de inserção social e visibilidade, ao afirmarem, por meio de suas escolhas, a que grupo pertencem, a que grupos gostariam de pertencer e a que grupos não pertencem.

Na visão de Pais (2006), as possibilidades trazidas pela internet representam para os jovens uma fuga da ordem (chamada por ele de espaço estriado, em referência a Deleuze e Guattari) e a constituição da liberdade (denominada de espaço liso, também em referência aos autores citados). Segundo ele, essa possibilidade de fuga da estabilidade e do controle, criada pela internet, deve-se à horizontalidade, ou seja, a uma ausência de hierarquias que possibilita relações mais espontâneas e descontinuadas, e ao multipertencimento. Isso, segundo o autor, favorece uma diversidade de encontros e desencontros e ao mesmo tempo de invenções e reinvenções de si mesmo. Essas características invertem a lógica original de uma ordem pré-estabelecida, simbolizada para as jovens da pesquisa pela instituição. Porém, entendemos que o espaço estriado das jovens possibilita uma fuga apenas parcial da estabilidade e do controle, um abertura de brechas, uma vez que a instituição regula o acesso e reforça hierarquias.

É possível afirmar que o desejo de forjar uma identidade comum em torno do ser jovem a partir do emprego das linguagens da juventude canaliza os interesses das jovens abrigadas em seus usos na internet. Com isso, elas constroem formas de compreensão e discussão da realidade que as cerca por meio de suas sociabilidades juvenis. São essas sociabilidades juvenis que funcionam como espaços nos quais as mediações

socioculturais e as identidades estão em constante movimento. Além disso, as sociabilidades das jovens não podem ser interpretadas com referência exclusivamente a uma cultura popular, uma vez que os elementos de culturas populares, massivas, urbanas, de classe média, etc. se mesclam em seus padrões de consumo. O que parece ocorrer é que as abrigadas desejam, apenas, viver seu tempo de juventude com as marcas que as culturas juvenis carregam.

Essas culturas juvenis são constituídas por elementos como a música, os ídolos, as expressões utilizadas pelos jovens, as redes sociais, entre outros, e sofrem constantemente a influência (ou a tentativa de influência) da cultura massiva, que busca transformar essas referências em produtos de consumo. Acredita-se que os jovens se expressam culturalmente de diversas formas como consumidores dos bens culturais, mas também como (re)criadores das próprias expressões, hábitos e atitudes. E as jovens do abrigo, apesar de incluídas em uma instituição normativa que impõe controle e limites para suas interações com a internet, não deixam de se constituir identitariamente por meio de suas práticas culturais, vivências e táticas plurais de usos da internet. Com isso, realizam a afirmação de suas identidades no exercício de práticas de sociabilidade e de visibilidade que apontam para constituição de sua cidadania por meio do consumo cultural.

## Referências

BERNARDES, M. **Jovens e Internet:** usos sociais e sociabilidades juvenis femininas em uma instituição de acolhimento. 151f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2011.

BRIGNOL, L. D. **Migrações transnacionais e usos sociais da Internet:** identidades e cidadania na diáspora latino-americana. 405f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2010.

CASTELLS, M. **Comunicación y Poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2009.  
CODATO, A.; LEITE, F. Classes Sociais. In: ALMEIDA, H. B. de; SWAKO, José (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis&Vertecchia, 2009. p. 20-69.

COGO, D.; BRIGNOL, L. Redes Sociais e os estudos de recepção na Internet. **Matrizes**. São Paulo. Ano 4, n. 2, p. 75-92, jan./jun. 2011.  
DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE FILHO, J. Novas Perspectivas para o Estudo da Relação entre Discursos Midiáticos, Juventude e Poder. **E-Compós**. V. 6, p. 2-21, 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/82/82>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

LIMA, V. A. de. **Comunicação e Cultura:** as ideias de Paulo Freire. 2 ed. Brasília: Editora da UnB e Fundação Perseu Abramo, 2011.

MARIN, E. C. Entretenimento: uma mercadoria com valor em alta. **Movimento**. Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 211-231, abr./jun. 2009. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1153/115315433012.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2012.

MARTÍN-BARBERO, J. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, S. H. S.; FREIRE FILHO, J. (Org.) **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008. p. 9-32.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

OROZCO GÓMEZ, G. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, D. (Org.) **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PAIS, J. M. Buscas de si: expressividade e identidade juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M. de; EUGENIO, F. (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B. de; SWAKO, J. (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis&Vertecchia, 2009. p. 116-149.

RONSINI, V. V. M. **Mercadores de sentido**: consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SILVA, E. R. A. da; AQUINO, L. M. C. de A. Os abrigos para crianças e adolescentes e o direito. In: **Ipea políticas sociais** – acompanhamento e análise. Agosto de 2005. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/bpsociais/bps\\_11/ENSAIO3\\_Enid.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/bpsociais/bps_11/ENSAIO3_Enid.pdf)>. Acesso em: 18 mar. 2011.

SIMMEL, G. La ampliación de los grupos y la formación de la individualidad. In: **Sociologia**. Estudios sobre las formas de socialización. Madrid: Alianza, 1986 [1896].

\_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.